

e instituição do tratamento adequado o mais breve possível, evitando-se consequências como transplante de córnea e /ou perda da visão. A presença de um endossimbionte internalizado em *Acanthamoeba* pode ser responsável por um quadro de ceratite mais exacerbado.

2953

ANÁLISE COMPARATIVA DAS CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS E BIOMECÂNICAS DA MEMBRANA AMNIÓTICA EQUINA, CANINA, SUÍNA E OVINA COM A MEMBRANA AMNIÓTICA HUMANA

MICHELLE BECKER PETERSEN; EDUARDA CORREA FREITAS; MAIARA POERSCH; CLAUDETE INES LOCATELLI CLOCATELLI; ANA BÁRBARA FORMENTON; JAKSON MANFREDINI VASSOLER; SÉRGIO KWITKO; DIANE RUSCHEL MARINHO; JOÃO ANTONIO PIGATTO;

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O uso da membrana amniótica (MA) tem se consolidado no tratamento das doenças da superfície ocular. Devido a possibilidade de usá-la como xenoenxertos, e a maior facilidade de acesso, a utilização de MA de origem animal vem sendo discutida. No entanto, a literatura ainda carece de informações sobre as características das MA de origem animal.

Objetivo: Comparar as características morfológicas, biomecânicas e histológicas das MA das espécies equina, canina, suína e ovina com a MA humana.

Metodologia: As placentas foram coletadas após o parto. Posteriormente, realizou-se a separação manual do MA e o córion, e a MA foi criopreservadas em DMEM e glicerina (1:1) à -80°C, por 60 dias. Avaliou-se a transparência, a espessura, a histologia, a força máxima, e a rigidez das MA animais e humana.

Resultados: As amostras ovinas, suínas e caninas apresentaram transparência máxima, enquanto que as amostras equinas e humanas apresentaram o mesmo grau de transparência (ligeira nebulosidade, que não prejudica a leitura). A amostras suínas e caninas mediram em média 0,028mm, enquanto que as ovinas mediram 0,015mm. As amostras equinas e humanas mediram 0,059mm e 0,063mm respectivamente. Na análise histológica, as amostras equinas e humanas foram as mais similares. As características mecânicas mais relevantes, foram a força máxima (força em N exercida até a ruptura da amostra) e a rigidez do componente (gerado através de uma curva de força x deslocamento). As amostras equinas apresentaram a maior força máxima média (5,21 N), seguido das humanas (2,17 N), ovinas (1,35 N), caninas (1,34 N) e suínas (0,52 N). Quanto a rigidez do componente a maior média também foi das amostras equinas (0,91N/mm), seguido das humanas (0,51N/mm), ovinas (0,46N/mm), caninas (0,27N/mm), e suínas (0,15N/mm).

Conclusão: A MA de origem animal mais semelhante com a humana é a equina, uma vez que ambas apresentam o mesmo grau de transparência, espessura aproximada, comportamento histológico e mecânico similares. No aspecto mecânico as amostras equinas podem ser melhores do que as humanas, uma vez que apresentaram uma maior média na força máxima e rigidez do componente.

ONCOLOGIA

3063

INFLUÊNCIA DO GENÓTIPO DO VÍRUS DA HEPATITE C NA RECIDIVA DE HEPATITE C EM TRANSPLANTADOS HEPÁTICOS POR CARCINOMA HEPATOCELULAR

JORDAN BOEIRA DOS SANTOS; RODRIGO TZOVENOS STAROSTA; EMILY FERREIRA SALLES PILAR; JOELSON TOMEDI; CARLOS THADEU SCHMIDT CERSKI; RÚBIA DENISE RUPPENTHAL

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O vírus da hepatite C (VHC) é um dos principais agentes etiológicos no desenvolvimento do carcinoma hepatocelular (CHC), especialmente em países ocidentais. Apesar de resultados satisfatórios do transplante hepático no tratamento do CHC, estudos demonstram que a recidiva do VHC em pós-transplantados pode provocar manifestações clínicas variadas de acordo com o genótipo viral. **Objetivo:** Avaliar a influência do genótipo do VHC sobre a recidiva da hepatite C em transplantados hepáticos por CHC. **Métodos:** A amostra foi composta por 72 pacientes com histórico de VHC que foram submetidos ao transplante hepático por CHC no Hospital de Clínicas de Porto Alegre no período de 1997 a 2014. Informações clínico-patológicas dos pacientes como sexo, idade, número e diâmetro dos tumores, trombose portal, invasão vascular, recidiva e tempo livre de VHC pós-transplante foram coletadas de prontuários e laudos anatomopatológicos. Os casos foram divididos conforme o genótipo do VHC em 3 grupos (Genótipos 1, 2 e 3). Variáveis quantitativas foram descritas em média±desvio-padrão e as qualitativas por frequência, sendo comparadas pelo teste de Qui-Quadrado no SPSS 18.0. **Resultados:** A média de idade dos participantes foi de 58,14±6,94 anos, sendo em sua maioria constituída por indivíduos do sexo masculino 48 (66,7%). Quanto ao genótipo do VHC, 28 (38,9%) dos pacientes apresentaram o genótipo 1, 6 (8,3%) o genótipo 2 e 38 (52,8%) o genótipo 3. Não houve diferença entre os grupos quanto ao sexo, idade, número e diâmetro dos tumores, apesar da frequência aumentada (53/72 - 74,6%) de tumores menores que 3cm em pacientes com genótipo 3. Em relação às alterações vasculares, a trombose portal e a invasão vascular foram significativamente mais frequentes entre os pacientes com genótipo 3 ($p=0,043$ e $p=0,021$, respectivamente). Entre os 29 (40,3%) pacientes transplantados com recidiva do VHC houve predominância do genótipo 3 (15/72 - 39,5%), porém, sem diferença entre os demais genótipos ($p=0,937$). Entretanto, ao se considerar os pacientes que recidivaram no primeiro ano pós-transplante (13/72 - 44,8%), o genótipo 3 foi encontrado em maior frequência (9/72 - 69,2%, $p=0,015$), em relação aos que a desenvolveram do segundo ao quinto ano pós-cirurgia. **Conclusão:** Há relação do genótipo do VHC sobre a trombose portal, invasão vascular e tempo de recidiva do VHC pós-transplante, com o genótipo 3 destacando-se com maior incidência entre os demais.